

Referenciação em *Arvorada*: a construção dos sentidos da tríade avó, neto e ipê-amarelo

Referenciation in *Arvorada*: The Construction of the Senses of the Grandmother, Grandson and Yellow Ipê Triade

Angélica Regina Gonçalves Bertolazzi¹, Lolyane Cristina Guerreiro de Oliveira², Natália Marques de Jesus³

Universidade Estadual de Londrina/Brasil

RESUMO

Os estudos acerca da referenciação contemplam estratégias processuais, que auxiliam na progressão do texto e na (re)construção do sentido. Este artigo tem como objetivo principal observar, na história em quadrinhos *Arvorada* (2017) de Walmir Orlandeli, como a referenciação contribuiu para evidenciar a relevância da figura do idoso na construção identitária de uma criança. Os objetivos secundários abrangem: 1) demonstrar como as estratégias referenciais auxiliaram na formação do elo existente entre Chico Bento, sua avó Dita e o Ipê-amarelo; 2) elencar quais anáforas retomaram os referenciais introdutórios: *um minino, uma anciã e um ipê-amarelo*; e 3) verificar como a linguagem dos quadrinhos contribuiu para a construção da identidade de Chico Bento. Metodologicamente, apoia-se nas teorias relativas à referenciação (CAVALCANTI; SANTOS, 2012; CAVALCANTI, 2010; KOCH, 2003; 2012; 2014; 2016; 2018; MARCUSCHI, 2008); à identidade (BAUMAN, 2005; WOODWARD, 2012); e aos aspectos sociais sobre o idoso (WHITAKER, 2010;) e os benefícios de sua interação com as crianças (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010; OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010). A análise, de cunho interpretativista, aponta que os elementos referenciais introdutórios e anafóricos evidenciam a conexão entre avó e neto, e consequentemente, a construção identitária parental.

PALAVRAS-CHAVE:

Referenciação. Identidade. Linguagem dos quadrinhos. Crianças. Idosos.

ABSTRACT

Recebido em: 04/08/2023

Aceito em: 11/9/2023

¹ E-mail: angelica.bertolazzi@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7154-7017>.

² E-mail: lolyane@uel.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9606-6869>.

³ E-mail: natalia.mdejesus@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3214-2351>.

Studies about referencing contemplate procedural strategies, which help in the progression of the text and in the (re)construction of meaning. This article has as main objective to observe, in the comic book *Arvorada* (2017) by Walmir Orlandeli, how the referencing contributed to highlight the relevance of the figure of the elderly in the construction of a child's identity. The secondary objectives include: 1) demonstrating how the referential strategies helped in the formation of the link between Chico Bento, his grandmother Dita and the Ipê-amarelo; 2) list which anaphoras resumed the introductory references: *a boy, an old woman and a yellow ipê*; and 3) verify how the language of the comics contributed to the construction of Chico Bento's identity. Methodologically, it is based on theories related to referencing (CAVALCANTI; SANTOS, 2012; CAVALCANTI, 2010; KOCH, 2003; 2012; 2014; 2016; 2018; MARCUSCHI, 2008); identity (BAUMAN, 2005; WOODWARD, 2012); and the social aspects of the elderly (WHITAKER, 2010;) and the benefits of their interaction with children (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010; OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010). The analysis, of an interpretive nature, points out that the introductory and anaphoric referential elements evidence the connection between grandmother and grandson, and consequently, the construction of parental identity.

KEYWORDS:

Referenciation; Identity; Comics language. children. elderly.

1. Introdução

Na história em quadrinhos (doravante HQ) *Arvorada*, publicada em 2017 pela editora Panini, Orlandeli trouxe uma reinterpretação do personagem Chico Bento de Mauricio de Sousa. A narrativa gira em torno da relação entre Chico, sua avó e um Ipê-amarelo e, levando em consideração a efemeridade da vida, incentiva os leitores a apreciarem e valorizarem todos os momentos vividos. Em 2018, além de ficar entre as finalistas para concorrer ao prêmio Jabuti na categoria "melhor história em quadrinhos", *Arvorada* (ORLANDELI, 2017) ganhou o troféu HQMIX na categoria "melhor publicação juvenil".

A HQ foi constituída por meio da linguagem dos quadrinhos. Para Ramos (2010), essa linguagem é autônoma, dotada de recursos próprios, como: as legendas, os balões, as vinhetas, as onomatopeias, as personagens, os planos e ângulos de visão, o tempo e o espaço. Além dos recursos quadrinísticos, os processos referenciais também contribuem para a construção de sentido da narrativa de *Arvorada* (ORLANDELI, 2017). A relevância desses processos é sustentada pelos estudos de Cavalcanti e Santos (2012). Elas afirmam que a argumentação e a coerência textual dependem, entre outros fatores, de estratégias de referenciação.

Partindo de tal afirmação, o objetivo principal deste trabalho é observar, em *Arvorada* (2017) de Walmir Orlandeli, como a referenciação contribuiu para evidenciar a relevância da figura do idoso na construção identitária de uma criança. Como objetivos secundários, pretende-se: 1) Demonstrar como as estratégias referenciais auxiliaram na formação do elo existente entre Chico Bento, sua avó Dita e o Ipê-amarelo; 2) Elencar quais anáforas retomaram os referencias

introdutórios: um menino, uma anciã e um Ipê-amarelo; e 3) Verificar como a linguagem dos quadrinhos contribuiu para a construção da identidade de Chico Bento.

De acordo com dados disponibilizados pelo IBGE⁴ (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a expectativa de vida está subindo no Brasil. Em 2021, o instituto anunciou⁵ que a expectativa de vida era de 80,5 anos para as mulheres e de 73,6 anos para os homens. Diante desses dados, pode-se afirmar que a população idosa aumentou no país. Porém, apesar de constituírem uma grande parcela da população brasileira, os idosos enfrentam vários desafios no país, entre eles, pode-se mencionar o abandono familiar e a falta de respeito e de exclusão social. Diante disso, nota-se uma urgência em evidenciar o valor do idoso e de sua experiência de vida, considerando os ensinamentos que ele pode transmitir às outras pessoas.

2. Fundamentação teórica

2.1 Referenciação

Os estudos acerca do conceito de texto tiveram contribuições de diversas propostas teóricas, favorecendo o desenvolvimento da Linguística Textual (doravante LT) ao longo do tempo. Com base em Marcuschi (2008), Cavalcanti (2010) *et. al.* e Lima (2017), a historiografia da LT pode ser percebida tanto pela divisão conceitual quanto pela cronologia composta por três fases: 1) análise transfrástica; 2) gramática de texto; e 3) teoria do texto. Nesse percurso, houve uma ampliação do objeto de análise e um afastamento da influência teórica da Linguística Estrutural saussuriana, ao compreender que a frase e as regras de um sistema abstrato eram limitantes, sendo necessário focar o texto em seu uso e contexto.

A noção de texto, portanto, é entendida como uma unidade de sentido à disposição da interação e da comunicação. Conforme Koch (2012, p. 10), o texto é “o próprio lugar da interação verbal”, e os participantes da enunciação têm a atribuição ativa na produção de sentidos. Diante disso, o texto é uma unidade funcional, independente da sua extensão, pois “o que faz um texto ser um texto é a discursividade, inteligibilidade e articulação que ele põe em andamento” (MARCUSCHI, 2008, p. 89). Dessa maneira, deixa de ser um produto acabado e passa a ser um processo de (re)construção de sentido, de ordem textual, cognitiva, sociocultural e interacional, visto que “o

⁴ Informações disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques.html?destaque=35600>. Acesso em: 10 jan. 2023.

⁵ Cabe destacar que tal estimativa desconsidera a mortalidade gerada pela pandemia de COVID-19.

sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso da interação” (KOCH, 2016, p. 30).

Nessa acepção, há a mobilização de diversos sistemas de conhecimento, que implicam estratégias de processamento do texto, dentre elas, a referenciação (a saber, a introdução referencial e a anáfora), a qual será observada no hibridismo textual (verbal e não verbal), tal como a HQ *Arvorada* (ORLANDELI, 2017), em que particularidades linguístico-discursivas são acionadas para a (re)construção do sentido.

De acordo com Koch (2003), a referenciação é uma atividade discursiva, cujo processo consiste na construção e reconstrução do referente (objetos de discurso) por meio da retomada de elementos textuais. Quando o sujeito está interagindo verbalmente, faz escolhas em função do que ele está querendo dizer. Dessa maneira, a língua não é utilizada apenas para nomear o mundo, mas também para que o indivíduo possa agir sobre ele. O sujeito, na interação com o texto que tem à sua disposição, procura propor um efeito de sentido e manipular a realidade de acordo com suas intenções. Ainda, consoante à referida autora (2014, p.33), “as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer-dizer”. Nesse sentido, os referentes se (re)constroem no entorno sociocognitivo-discursivo interacional à medida que vão sendo negociados pelos interlocutores.

Segundo Cavalcanti *et. al.* (2010), a referenciação é um processo cognitivo desencadeado por pistas textuais e completado por inferências, ou seja, não se limita à retomada de elementos cotextuais explícitos e implícitos, pois é efeito da interação em atividades sociais, o qual abrange outros aspectos. À vista disso, a coerência não está sob a superfície do texto, mas é construída na interação. Portanto, a referenciação garante a progressão do texto, pois é responsável pela introdução de novos referentes, a serem inferidos a partir de outros elementos do contexto ou na remissão a referentes já introduzidos e reativados pela memória do leitor.

A introdução referencial pode ser não ancorada, quando um novo referente é introduzido no texto e condiciona-se na memória do sujeito, isto é, viabiliza uma categorização do referente por uma expressão nominal. E também, pode ser ancorada, quando há a ativação do referente por associação de elementos cotextuais (pronomes, numerais, elipses e formas nominais) e contextuais por meio da inferenciação, sendo um mecanismo linguístico de “remissão para trás” (KOCH, 2018, p. 127), denominado de anáfora. De acordo com Cavalcanti *et. al.* (2010), a anáfora é qualquer retomada de um referente já introduzido no texto/discurso, mesmo que haja uma recategorização,

ou seja, uma mudança significativa do referente, em virtude de os sentidos estarem sempre sendo negociados.

Conforme Koch (2018, 132-133), a retomada do referente é responsável pela manutenção do foco e da progressão textual, visto que “a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido”. Sendo assim, a interpretação das anáforas exige a ativação sociocognitiva e interacional do receptor para que ocorra a construção, reconstrução e recategorização do referente para a coerência textual.

Em suma, as estratégias de introdução referencial e anáfora são uma forma de estabilização dos referentes no texto, visto que podem ser modificados, desativados, reativados e transformados por operações cognitivas ancoradas nas atividades verbais e não verbais, assim como, nas negociações procedentes da relação entre o sujeito e o mundo. Tratando-se da linguagem autônoma dos quadrinhos, os referentes também podem ser introduzidos ou retomados pela linguagem não verbal, a fim de evidenciar a relação entre Chico Bento, Vó Dita e o Ipê-amarelo, a qual será examinada na seção análise.

2.2 Identidade

Em *Arvorada* (ORLANDELI, 2017), Chico Bento narrou os momentos vivenciados ao lado de sua avó, a dona Dita. Por meio da exposição de suas lembranças⁶, foi possível compreender a importância da avó na construção identitária do menino. Para observar tal formação identitária, tomou-se como base os estudos de Zygmunt Bauman (2005) e Woodward (2012).

Bauman (2005) e Woodward (2012) concordam que, na pós modernidade, as identidades (re)configuram-se a todo momento. O autor define a identidade inserida no contexto de uma modernidade que é líquida. Para ele, na modernidade líquida, a solidez das identidades foi desfeita e substituída pela fluidez. As identidades tornaram-se líquidas e fluidas como a água, elas são instáveis e mudam a todo instante. A falta de uma identidade fixa, a longo prazo, pode causar insegurança nas pessoas. Porém, diante das várias opções identitárias, escolher uma única identidade não é bem visto pela sociedade atual. Para Woodward (2012), uma mesma pessoa

⁶ Segundo Halbwachs (1990, p. 71), “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.

ocupada lugares diferentes na sociedade, isto é, uma mulher pode ocupar ao mesmo tempo o lugar de esposa, filha, mãe e professora: várias identidades.

De acordo com Bauman (2005), metaforicamente, a formação identitária pode ser comparada à montagem de um quebra-cabeça, pois, a cada nova peça encaixada, forma-se uma nova identidade. No entanto, Bauman (2005) esclarece que, nesse caso, o jogo será sempre incompleto, já que, diferentemente do quebra-cabeça, a identidade não vem dentro de caixa que exhibe, em seu encarte, uma imagem final formada. O final não é o mais importante para a construção identitária, mas sim o processo de sua formação. As peças podem ser encaixadas e reorganizadas, possibilitando uma infinidade de identidades a serem testadas.

A formação da identidade, segundo Woodward (2012), está relacionada à diferença, uma vez que, as marcações das diferenças influenciam no processo identitário. A autora menciona a guerra fria entre sérvios e croatas para explicar a formação da identidade por meio das diferenças. Ela afirma que ambos ocupam posições nacionais distintas, ou seja, são identidades diferentes. No entanto, uma identidade proporciona que a existência da outra.

A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que ela não é. Ser um sérvio é ser um “não croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença (WOODWARD, 2012, p. 9).

A partir da relação com o outro e da rejeição de sua identidade, tem-se uma construção identitária do sujeito. Existem sistemas classificatórios que evidenciam como as relações sociais são divididas e organizadas. Nesse sentido, há grupos opostos: "nós e eles" ou "eu e o outro". Essas oposições são estabelecidas pela diferença que, como já dito, marcam as identidades.

Outra questão trazida pela autora diz respeito à marcação identitária por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos. De acordo com ela, os objetos usados por uma pessoa tornam-se símbolos de sua identidade. Os processos simbólicos dizem respeito aos sentidos que as próprias pessoas atribuem aos objetos. Há culturas, por exemplo, que são identificadas por meio de suas vestimentas ou de comidas típicas. No caso dos sérvios e croatas, um soldado sérvio, ao ser questionado a respeito do que o diferenciava dos soldados croatas, respondeu que seus companheiros sérvios fumavam cigarro sérvio, já os adversários croatas fumavam cigarro croata. Logo, o cigarro, nesse caso, tornou-se um símbolo capaz de diferenciar identidades.

2.3 Relação criança e idoso

De acordo com Whitaker (2010), durante muito tempo, em decorrência das altas taxas de natalidade e mortalidade, o Brasil foi formado por uma população jovem. No entanto, a expectativa de vida aumentou nos últimos anos, segundo IBGE⁷. Apesar dessa longevidade, a importância que a sociedade atribuía ao idoso não se manteve. Conforme Whitaker (2010), os idosos eram vistos como chefes de família, proprietários e gerentes de seus próprios negócios. Tanto na área rural, quanto na urbana, todos os membros da família estavam sob a guarda do idoso. Eles eram respeitados e venerados. Atualmente, eles são, na maioria das vezes, vistos apenas como aposentados sustentados pela classe trabalhadora. Essa forma de pensar ignora o trabalho que já foi exercido pelos idosos e a legitimidade da aposentadoria, um direito deles e não um benefício.

Nos dizeres da autora, a industrialização acabou com o poder do pequeno empreendedor fazendo com que as famílias se dissipassem em busca de empregos. Sob essa perspectiva, o idoso deixou de ter, ao seu redor, parentes que lhe garantiam apoio e bem estar. Ao desamparo familiar, soma-se ainda o descaso, a falta de interação social da população para com os idosos, entre outros desafios enfrentados por eles. O idoso perdeu seu papel social, pois, antes era entendido como independente e atuante e, em razão do envelhecimento, passa a ser visto como incapaz e, até mesmo, um incômodo para a sociedade.

Há muitas proposições acerca da temática idoso, no entanto, devido ao propósito deste estudo, foca-se na contribuição da relação do idoso na construção identitária da criança. Desse modo, atenta-se à sabedoria e moral que idosos podem transmitir às gerações mais novas, uma vez que carregam inúmeras vivências, conhecimentos e tradições à serviço da família e sociedade. Segundo França, Silva e Barreto (2010), a diferença etária entre idoso e criança é um fator positivo, pois oportuniza a convivência solidária e trocas significativas de experiências, viabilizando aprendizagem, desenvolvimento social e valorização.

Com o aumento da expectativa de vida, os idosos têm a oportunidade de conviver mais tempo com os netos e exercer o papel de avós. Já os netos podem usufruir de laços afetivos, ter acesso à história familiar e desenvolver seu senso de pertencimento. Para Tarallo (2015), o contato intergeracional, cuja família tenha proximidade, institui um espaço de solidariedade ao configurar

⁷ Informações disponíveis em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29505-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-3-meses-e-chega-a-76-6-anos-em-2019>. Acesso em: 10 jan. 2023.

aspectos comportamentais, emocionais e de apoio entre pais e filhos, assim como avós e netos. Conseqüentemente, reduz-se a exclusão e o preconceito etário, visto que há uma relação benéfica. De um lado, o crescimento dos netos é marcado pela construção de memórias e habilidades socioemocionais, do outro, os avós experienciam o sentimento de continuidade genealógica e memorial.

A criança em fase de aquisição de conhecimentos, desenvolvimento de sua personalidade e socialização necessita de um adulto de referência, em contrapartida, o idoso precisa manter-se integrado socialmente e ativo. Para Oliveira, Vianna e Cárdenas (2010, p. 462), essa relação favorece o respeito, visto que “ao aproximar gerações, são quebradas barreiras, eliminados preconceitos e vencidas discriminações”. Sob esse olhar, a relação entre avó e neto, tematizada na HQ em questão, revela o quão relevante é a aproximação, o vínculo afetivo, o diálogo e a amizade na vida de ambos, aspectos que nem sempre são oportunizados no ambiente familiar contemporâneo. Segundo França, Silva e Barreto (2010), esse laço afetivo proporciona à criança a construção de uma identidade parental, além de fortalecer os valores de colaboração, amorosidade e paciência.

De acordo com Tarallo (2015), os fatores que influenciam as relações entre avós e netos são idade, gênero, mediação dos pais, distância geográfica, saúde dos avós e nível interacional, social e educacional. À vista disso, o convívio pode ser de maior ou menor envolvimento dependendo de aspectos específicos que abarcam avós, netos e pais. A diferença etária e, conseqüentemente, de tempos sociais, por exemplo, pode ser vista de modo positivo ao reconhecer a individualidade e as especificidades do outro, além de oportunizar a troca de experiências, em razão de os avós se apresentarem como uma memória viva do passado, ou seja, da história familiar, social e política, enquanto os netos viabilizam a continuidade das experiências de vida dos avós, ao permitirem a visão do mundo pela perspectiva moderna e tecnológica.

Diante do exposto, entende-se que a relação entre Vó Dita e Chico estabelece uma conexão afetiva, respeitosa e edificante, a qual é projetada na vida adulta do neto, mediante aos ensinamentos repassados pela avó. Os pais de Chico possibilitam que o filho tenha anos de convivência com a avó, a partir de uma boa relação familiar. Portanto, o tempo de convivência torna-se valoroso e relevante na construção identitária dele.

3. Metodologia

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa e interpretativista. Gil (2010)

esclarece que a pesquisa bibliográfica é aquela realizada com base em materiais já existentes, como: livros, artigos, revistas e dicionários. Neste trabalho, realizou-se pesquisas bibliográficas sobre: 1) referência (CAVALCANTI; SANTOS, 2012; CAVALCANTI, 2010; KOCH, 2003; 2012; 2014; 2016; 2018; MARCUSCHI, 2008); 2) identidade (BAUMAN, 2005; WOODWARD, 2012); e 3) aspectos sociais sobre o idoso (WHITAKER, 2010;) e os benefícios de sua interação com as crianças (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010; OLIVEIRA; VIANNA; CÁRDENAS, 2010).

Quanto aos métodos de coleta das informações, a pesquisa possui caráter qualitativo e interpretativista. Santos Filho (2013) afirma que essa pesquisa envolve subjetividade: os pesquisadores interpretam os dados visando à construção de sentido. Sob tal perspectiva, após a pesquisa bibliográfica, foi feita uma análise interpretativista de *Arvorada* (ORLANDELI, 2017). A análise foi feita por meio da escolha de fragmentos, pois, devido à brevidade do artigo, não seria possível analisar toda a HQ. Utilizou-se como critérios para a seleção dos fragmentos da HQ a serem analisados neste trabalho: maior quantidade de referentes introdutórios, variedade de recursos quadrinísticos e diálogos que evidenciassem a contribuição dos ensinamentos da avó para o desenvolvimento identitário do neto.

Três fragmentos foram analisados. Neles, notou-se o uso de processos referenciais, como: os referentes introdutórios (Chico Bento, Dita e Ipê) e as anáforas utilizadas na recategorização desses referentes. Além disso, abordou-se alguns recursos quadrinísticos (os planos e ângulos de visão, as legendas, as expressões faciais e corporais) essenciais para a construção de sentido da narrativa. Ao longo da análise, foram trazidas considerações, baseadas nos estudos da linguagem dos quadrinhos (ACEVEDO, 1990; RAMOS, 2010; CAGNIN, 2014), a respeito de tais recursos. Por fim, foram apresentados os resultados obtidos por meio da pesquisa.

4. Análise

A narrativa da HQ *Arvorada*⁸ (ORLANDELI, 2017) iniciou-se com a apresentação dos três pilares principais da trama: *um minino, uma anciã e um ipê-amarelo*. Ou seja, trata-se de três referenciais introdutórios que, ao longo do texto, são retomados por meio do uso de diversos elementos anafóricos, os quais podem ser observados na tabela 1.

⁸ Informações detalhadas a respeito da HQ podem ser encontradas na introdução deste artigo.

Tabela 1 - Referentes anafóricos

Introdutor referencial	Quem retoma?	Referente de retomada
<i>Um minino</i>	Avó Dita Chico Narrador Rosinha Senhor Bento Menina que estava visitando a fazenda Zé Lelé	Chico, ocê, minino, seu Eu, vô, procê, mi Ele, menino, Francisco A. Bento Ocê, cocê, docê Fio Menino Chico, ocê, o primo
<i>Uma anciã</i>	Avó Dita Chico Médico Menina que estava visitando a fazenda Narrador	Tô, vô Vó Dita, sinhora, sinhora merma, vizinha Pessoas dessa idade, ela, Dona Dita, a (pronomo oblíquo), dela Avó Vó, vó do minino
<i>Um ipê- amarelo</i>	Avó Chico Menina que estava visitando a fazenda	Ipê; cheinho de fror, uma lindeza só, ele, suas froris exprodi, um milagre, argo único, um presente imbruiado Ipê, uma arvre, essa belezura, cheio de fror, ele, arvre tá doida pra exprodi em fror, aquela belezura, coisa linda, coisa bunita, um (substituindo ipê) Ipê todo frorido, o ipê, é maravilhoso

Fonte: Elaborada pelas autoras a partir da HQ *Arvorada* (2017).

Esses elementos referenciais são essenciais para a construção de sentido da narrativa e intensificam o elo existente entre os três pilares mencionados, conforme explanação do fragmento 1 a seguir.

Fragmento 1 - Uma promessa feita



Fonte: Orlandeli (2017, p. 22-23).

No fragmento 1, composto por duas páginas da HQ, observa-se a circunstância inicial de estreitamento de laços, consoante à temática da história, a qual resulta em uma promessa. Chico estava aborrecido após perder o momento épico: a florada do ipê. Por priorizar afazeres cotidianos, como alimentar um animal da fazenda, ele não atendeu ao pedido da avó, que era contemplar a árvore, cujas flores haviam desabrochado. Foi vê-la somente no outro dia pela manhã, mas frustrou-se quando viu a árvore seca e o chão repleto de flores amarelas.

Bauman (2005) afirma que, na modernidade líquida, é tudo descartável e substituível, as pessoas não valorizam mais relações sociais, bens materiais ou momentos da vida. Sob essa perspectiva, a HQ é relevante para mostrar a importância de se viver os momentos da vida, pois ela é efêmera, assim como a florada de um ipê.

Os elementos referenciais introdutórios um *minino*, uma *anciã* e um *ipê-amarelo*, que aparecem logo no início da HQ, são formados por sintagmas nominais indefinidos. Segundo Cançado (2005, p. 80), os referenciais introdutórios podem ser indefinidos específico ou não-específico. São

específicos quando se referem a um indivíduo em particular, porém não identificado, por exemplo, “Todas as noites, *um morcego* entra em nossa casa. Acredito que é ele que deixa estas cascas de frutas aqui na sala”, aqui não é identificado o animal, mas é suposto que deixou vestígios na sala. Já a referência indefinida pode ser usada não-especificamente quando estabelece uma ideia genérica, por exemplo, “Todas as noites, *um morcego* entra em nossa casa. Acredito que deve ter um bando deles por aí”, nesse caso, a interpretação se estende a qualquer morcego.

A partir do fragmento 1, faz-se necessário uma ressalva quanto à premissa de que o referente indefinido específico é inferido, mas não identificado. Pois, com base em Koch (2014), o sentido é constituído pela interação, em função de um querer-dizer, que pode estar explícito ou implícito, desse modo, embora haja os artigos indefinidos (um, uma) acompanhando os substantivos (minino, anciã, ipê-marelo), o narrador identifica as personagens logo nas páginas iniciais da HQ, por intermédio de retomadas anafóricas, respectivamente, *Chico*, *Vó Dita* e *Ipê-amarelo*, as quais são reforçadas pela linguagem visual, que as caracteriza no curso da leitura.

No fragmento, também aparecem os elementos anafóricos verbais *Chico*, *Vó Dita* e *Ipê*, e as anáforas visuais dispostas pelas personagens que, de acordo com Ramos (2010), são como “bússolas na trama”, ou seja, orientam o leitor na história. Sendo assim, a linguagem dos quadrinhos retoma os referentes introdutórios mediante aos planos e ângulos de visão, as expressões faciais e corporais e as legendas, pois, de acordo com Cavalcanti *et. al.* (2010), o processo referencial é desencadeado por pistas textuais e inferências, que garantem a progressão textual.

Ramos (2010) e Cagnin (2014) defendem a premissa de que os planos de visão captam minúcias pelas percepções da aproximação ou do distanciamento de algo que se pretende enquadrar. A *Vó Dita*, em “plano médio” (da cintura para cima (RAMOS, 2010)) na primeira vinheta (menor unidade de uma narrativa (RAMOS, 2010)), contempla o ipê e compara-o aos efêmeros momentos da vida. A postura corporal e a expressão facial reforçam o sentido pretendido, pois o “corpo fala” (RAMOS, 2010), ou seja, são relevantes para expressar sentimentos, emoções e sugerir os movimentos das ações.

Outro recurso que direciona o olhar analítico, são os “ângulos de visão” (ponto de observação da ação (ACEVEDO, 1990)), o qual exhibe as flores no chão em uma visão superior de cima para baixo e, na vinheta seguinte, sobre a mão da avó em um “ângulo médio” à altura dos olhos, estendendo-se ao “plano total” (RAMOS, 2010) para evidenciar a flor e não mais o cenário, em virtude de metaforizar uma perspectiva a respeito da vida. Esse “efeito zoom” de aproximação

(RAMOS, 2010), como se apertasse um botão de câmera fotográfica, direciona o olhar à construção do sentido e, conseqüentemente, à identidade do neto, uma vez que os ensinamentos são absorvidos na infância e expandidos à idade adulta.

Nestas vinhetas, é explorada a relevância da florada do ipê, sintetizada em sabedoria de vida, assim caracterizada em cenas anteriores como *um milagre*, *argo único* e *um presente*. Sob esse ponto de vista, há uma transformação do referente ipê-amarelo, o qual é recategorizado como *as experiências da vida humana*. A reconstrução do sentido do referente *ipê* acontece ao ser homologado no percurso textual pelos dizeres da avó, quando metaforicamente é dito que cada desabrochar de uma flor é como um momento da vida, seja *num sorriso*, *num abraço* ou *numa conversa boa na varanda*. À vista disso, recobra-se o título da HQ, o qual é possível pensar em uma aglutinação das palavras *árvore* e *florada*, formando *Arvorada*. Essa composição enquadra-se na recategorização lexical, pois um referente é ancorado cotextualmente, validado por retomadas anafóricas e transformado à medida que o sentido é construído. Portanto, o sentido reconstruído envolve a argumentatividade do texto, ou seja, a apreciação de cada momento da vida, assim como a florada, pois a beleza não está na quantidade de momentos/flores e sim, naquilo que é apreendido.

Percebe-se que o ipê abarca o apoio afetivo e moral entre avó e neto, ao mesmo tempo em que constrói a identidade de Chico. Segundo Whitaker (2010, p. 184), o idoso é detentor de sabedoria porque “viveram mais e, portanto, armazenaram mais fatos e acontecimentos em seus escaninhos mentais, cujas lembranças eles cultivam nostalgicamente e as expressam de boa vontade, quando convidados a falar”. Os idosos estão em constante revisão do que testemunharam e viveram ao longo dos anos, servindo de esteio e exemplo para as gerações futuras, ao desempenharem papel importante na transmissão de valores e na preservação de tradições. Chico tinha um imenso carinho e respeito por sua avó, portanto, conseguia incorporar os ensinamentos à sua vida, os quais orientavam suas ações. Tal fato pode ser validado pela promessa feita por ele, de sempre verem a florada juntos e legitimada pelo abraço, no caso, símbolo de compromisso e afeto. Por fim, o movimento de referenciação coopera no processo de significação dessa relação avó-neto-ipê, posto que o léxico não só estabelece uma referência com o mundo, mas também com o sentido que estão sempre sendo negociados na interação enunciativa.

Fragmento 2- Uma vida mais doce

Fonte: Orlandeli (2017, p. 39).

Os ensinamentos transmitidos, da avó para o neto, eram apreendidos por Chico e influenciavam a forma como ele enxergava o mundo. Chico guiava-se pelos conselhos de dona Dita, inclusive, quando estava longe dela. Na HQ, o momento que precede o fragmento 2, trata-se de uma conversa entre Chico Bento e seu primo Zé Lelé. Dona Dita havia passado mal e estava acamada. Notando a preocupação de Chico em relação à saúde da avó, Zé tranquilizou-o e o convidou para comer goiabas. Apesar de considerar a goiaba sua fruta favorita, Chico, como consequência de sua preocupação com a avó, recusou o convite de Zé. Isso evidencia o quanto ela era importante para o menino, ou seja, ele deixaria de comer sua fruta favorita pela avó. Chico recordou-se, então, de uma conversa que teve com Dita. Essa recordação trata-se de um flashback, definido por Ramos (2010, p. 50), como “uma menção a um fato no passado”. Na HQ, as recordações e a imaginação de Chico são diferenciadas do restante da narrativa pela coloração amarronzada que

possuem.

A recordação de Chico Bento aborda um episódio em que, enquanto ele capinava a terra da fazenda, sua avó ofereceu-lhe suco. O fragmento inicia-se com a avó chamando pelo nome do neto *Chico!* assim como ocorreu, na primeira página da HQ, quando ela foi chamá-lo para ver a floração do ipê. Muitas vezes, na narrativa, o uso de tal referente de retomada anafórico é dispensável, pois, ao observar um diálogo ocorrido entre Chico e a avó, é possível inferir que as palavras ditas por ela estão sendo direcionadas a ele. No entanto, o nome do garoto é pronunciado constantemente. Das vinte vezes que dona Dita aparece participando de um diálogo na narrativa, ela pronuncia o nome do neto quinze vezes. Talvez, ao proferir recorrentemente o nome *Chico*, a avó estivesse tentando chamar a atenção da criança para que ele absorvesse, de maneira mais eficaz, os ensinamentos transmitidos por ela.

De acordo com dona Dita, o suco que ela ofereceu ao neto estava *fresquinho*. O uso da palavra *fresco* no diminutivo traz à tona todo o zelo ao qual geralmente está vinculada a figura da avó. A avó é vista como a “segunda mãe”, porém, ela é a mãe que não tem o dever de repreender os filhos, mas sim de mimá-los. A expressão facial (recurso que torna os sentimentos e emoções visíveis, auxiliando na construção do caráter da personagem (Cagnin, 2014)) de dona Dita também contribui para transmitir a ideia de que ela era uma pessoa amável.

Chico recusou o suco, pois, ao parar o que estava fazendo para tomá-lo, atrasaria o serviço executado. Nota-se que o elemento de retomada *Vó Dita* aparece na fala do menino. Diante de uma breve consulta à tabela 1, é possível perceber que o menino não chamava dona Dita apenas de *avó* ou, na forma mais coloquial, *vó*. Quando se referia diretamente a ela, ele usava o pronome de tratamento *senhora* ou, primordialmente, *vó Dita*. As duas maneiras de tratar a avó indicam o respeito que Chico nutria por ela, reforçando o referencial introdutório *anciã* destinado à mulher. Além disso, em determinado momento da narrativa, ao falar sobre a avó, ele a chamou carinhosamente de *vozinha*, como elencado na tabela 1, expressão que intensifica o afeto que ele sentia por ela.

Perante a atitude do neto, a avó tentou convencê-lo a tomar a bebida dizendo que o suco não diminuiria a jornada de trabalho, mas a deixaria mais *doce*, isto é, agradável. Novamente, o vocabulário utilizado pela senhora auxilia na construção da figura de uma mulher afetuosa. Na fala de dona Dita, ainda é possível notar o referente de retomada anafórico *ocê*. Esse termo, na HQ, remete à maneira de falar das pessoas que moravam na roça e que eram próximas a Chico. Logo,

ao fazer uso de tal palavra, a avó destacou a proximidade que tinha com o neto aumentando a confiabilidade de seus conselhos. O ensinamento trazido por ela foi lembrado por Chico e recontextualizado para a situação em que ele se encontrava. Imediatamente, ele percebeu que o ato de comer goiabas não curaria dona Dita, mas deixaria a espera pela recuperação dela menos dolorosa.

Ao se considerar os dizeres de Woodward (2012) sobre identidade, é possível notar a construção da identidade de Chico por meio das diferenças que ele possui com a avó: homem/mulher; criança/idosa; neto/avó. Além disso, observou-se que o convívio com a avó influenciou na formação identitária do menino. Executando o papel de anciã, ela o ensinou que a vida pode ser vivida com mais leveza e que, caso seja possível fazer algo que torne os momentos difíceis mais suportáveis, deve-se fazê-lo. Em outro momento da narrativa, Chico, em meio a uma conversa embaraçosa com Rosinha, imaginou como sua avó o aconselharia diante da situação. Ou seja, ele internalizou os ensinamentos de sua avó ao ponto de saber como ela recomendaria que ele agisse frente a cada circunstância. Destaca-se ainda que a repetição dos referentes de retomada *vó Dita* e *Chico*, utilizados, respectivamente, pelo neto e pela avó, enfatizam a união entre ambos. Um está, a todo o momento, lembrando e pronunciando o nome do outro.

No fragmento 2, notou-se sistemas simbólicos (Woodward, 2012) que contribuem para mostrar uma das identidades de Chico: morador do campo. Os sistemas simbólicos presentes no fragmento são suas vestimentas e a enxada usada para capinar o mato, isto é, elementos da caracterização das personagens expostas por meio da linguagem dos quadrinhos.

Fragmento 3 - Uma promessa cumprida



Fonte: Orlandeli (2017, p. 85-86).

O fragmento 3, diz respeito às duas páginas finais de *Arvorada* (ORLANDELI, 2017). Cabe esclarecer que, na HQ, elas não estão dispostas uma ao lado da outra como foi apresentado aqui, mas sim na mesma folha: a segunda parte do fragmento está no verso da primeira parte. Antes do fragmento exposto, após a recuperação de dona Dita, ela e Chico conseguem, finalmente, apreciar a floração do ipê, fato que parece encerrar a história contada. Revela-se, então, que a trama estava sendo narrada para três crianças bastante parecidas com Zé Lelé, Rosinha e o próprio Chico. O narrador é retratado apenas por sua silhueta, sabe-se apenas que se trata de um homem. As crianças veem o ipê florido e ficam maravilhadas.

No fragmento 3, uma delas pergunta ao narrador se o menino da história (Chico) conseguiu cumprir a promessa feita à avó em relação às visitas anuais ao ipê. A menção a esse fato, retoma a promessa feita por Chico no fragmento 1. O narrador esclarece, na legenda (representação da voz do narrador disposta em uma figura retangular (RAMOS, 2010)), que o menino ainda estava cumprindo a promessa. Chico ia *todo ano* ver o ipê com sua avó. O questionamento feito pela menina insinua que, entre os traços que formaram a identidade de Chico, estava a palavra de honra

e o respeito pela avó.

As quatro vinhetas finais da primeira página do fragmento 3, não possuem nenhum tipo de fala. Nelas, tem-se unicamente o narrador misterioso. Em pé, ele refletiu, procurou um objeto no bolso da calça e o observou. Em seguida, sentou-se para contemplar melhor o objeto apanhado. O detalhamento da ação desempenhada, presente na sequência de vinhetas, é essencial para criar uma expectativa no leitor. A tendência é que surjam os seguintes questionamentos em quem realiza a leitura: qual a identidade do narrador? O que ele estava observando com tanta atenção?

Ao virar a página, o leitor encontra as respostas para tais indagações: o objeto apanhado pelo homem tratava-se de sua carteira. Dentro dela, havia uma foto de Chico Bento abraçado à avó, isto é, o narrador era o próprio Chico, e um cartão de crédito onde constava seu nome completo: *Francisco A. Bento*. A fotografia e o nome são fundamentais para a construção identitária de Chico. Várias deduções podem ser feitas a partir da descoberta sobre quem estava narrando a história. As crianças que se pareciam com Chico Bento e com Rosinha poderiam ser filhos dos dois, já que eles tinham uma “amizade colorida” na infância. O fato de ser pai e de ter um cartão de crédito mostra que Chico já era adulto, alguém que trazia, na lembrança, tudo o que havia aprendido com sua avó quando era criança.

Infer-se ainda, por meio da idade de Chico que, provavelmente, sua avó não estava mais viva, pois ela já era idosa quando ele ainda era um menino. Apesar de não a ter pessoalmente por perto, ele seguia indo ao ipê *todo ano* com ela, não só em foto ou pensamento, mas como parte de sua identidade, de quem era o Francisco A. Bento. A repetição do elemento de retomada dêitico temporal *todo ano*, últimas palavras de Chico na HQ, finaliza a história enfatizando a promessa cumprida por Chico e o elo existente entre avó, neto e ipê-amarelo. A árvore, nesse caso, como já visto no primeiro fragmento analisado, simboliza os momentos vividos em união pelas personagens.

Considerações finais

Sob à luz dos fundamentos relativos à referenciação, observou-se na HQ *Arvorada* (2017), que os elementos introdutórios e anafóricos estabelecem a manutenção e a progressão textual, pois os referentes *minino*, *anciã* e *ipê-amarelo* são retomados e ampliados com outras informações e, até mesmo, sentimentos, à medida que pistas são manifestadas cotextualmente pela linguagem verbo-visual e interpretadas com o auxílio de inferências. Além do mais, há o processo de recategorização, o qual transcende as expressões anafóricas de *ipê-amarelo*, ao apontar para uma

transformação do referente, que deixa de ser somente uma árvore florida e se expande à contemplação dos momentos da vida humana. Nessa perspectiva, a metaforização da florada engendra positivamente a relação de avó e neto, estabelecendo um laço afetivo, social e moral que se projetou na vida do menino.

A história narra os episódios da infância de Chico, cuja identidade estava em formação. Considerando a teoria de Woodward (2012), notou-se que a identidade do menino foi formada por meio das diferenças existentes entre ele e a avó (ele é criança, homem e neto) e dos sistemas simbólicos referentes ao campo: chapéu, inchada, calça xadrez. A identidade de Chico se moldou a partir de suas vivências, dos sentimentos que Rosinha despertou nele, das reflexões que fazia ao lado de Zé Lelé durante as pescarias, do convívio com os pais, do ambiente em que estava inserido (a roça) e, principalmente, dos ensinamentos transmitidos pela avó. Os conselhos de dona Dita são lembrados por Chico, ao longo da história, e guiam suas atitudes. Nesse sentido, percebeu-se que o idoso se destaca como alguém que, pelos anos de vivência, possui muitas experiências a serem transmitidas, revelando ainda mais seu valor social.

Quanto à linguagem autônoma dos quadrinhos, foi notória sua contribuição aos processos referenciais, que além de introduzir e retomar os referentes, também participou da construção de sentido, ao explicitar por meio de seus recursos, como as personagens, os planos e ângulos de visão, as legendas, as expressões faciais e corporais, toda a amorosidade, o respeito e a amizade que permeavam a conexão avó-neto-ipê, a qual resultou na construção identitária de Chico Bento.

Referências

ACEVEDO, Juan. Como fazer história em quadrinhos. Tradução de Silvio Neves Ferreira. São Paulo: Global Editora, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**: um estudo abrangente da arte sequencial, linguagem e semiótica. São Paulo: Criativo, 2014.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; PINHEIRO, Clemilton Lopes; LINS, Maria da Penha Pereira; LIMA, Geralda. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitivas e interacionais. *In*: BENTES, Anna

Christina (org.) et. al. **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. SANTOS, Leonor Werneck dos. Referenciação e marcas de conhecimento partilhado. **Linguagem em (Dis)curso**. Santa Catarina, vol. 12, n. 3, p. 657-681, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/8WFLVM6SrbcrQpQ73NX3m9B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jan. 2023.

FRANÇA, Lucia Helena de Freitas Pinho; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da; BARRETO, Márcia Simão Linhares. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 3, p. 519-531, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4038/403838794017.pdf>. Acesso em: 02 fev 2023.

GIL, A. C. Como Encaminhar uma pesquisa. In: **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5a. ed. São Paulo: Atlas, 2010, p.17 a p.29

HALBWASCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Expectativa de vida dos brasileiros aumenta 3 meses e chega a 76,6 anos em 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29505-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumenta-3-meses-e-chega-a-76-6-anos-em-2019>. Acesso em: 15 set 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Nota sobre as Tábuas Completas de Mortalidade 2021 e a pandemia de Covid-19**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques.html?destaque=35600>. Acesso em: 10 jan 2023.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2018.

LIMA, Letícia Moraes. **Linguística Textual**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; VIANNA, Lucy Gomes; CÁRDENAS, Carmen Jansen de.

Avosidade: Visões de avós e de seus netos no período da infância. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, vol. 13, n.3, p. 461-474, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgg/a/YPdgxkTQLXqdW39jDD3CwWx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 02 fev 2023.

ORLANDELI, Walmir. **Chico Bento**: Arvorada. Barueri, São Paulo. Panini, 2017.

RAMOS, Paulo. **A linguagem dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: SANTOS FILHO, José Camilo dos; GAMBOA, Silvio Sánchez (org.). **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TARALLO, Roberta dos Santos. As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, vol. 18, n. 19, p. 39-55, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26592/19018>. Acesso em: 26 set. 2023.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social, titular de direitos. **Cad. Cedes**. Campinas, vol. 30, n. 81, p. 179-188, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7nkZXCjVPmMkGZRWCbq9GFM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2023.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.
